

## Modulo 5 Videoaula 4- Entrevista com Thiago Medaglia

**Amanda Rossi** Olá! Bem-vindas e bem-vindos aos vídeos do nosso curso "Jornalismo na Pandemia: Cobertura da COVID-19 agora e no futuro". No Módulo 5, o nosso tema é a desinformação sobre o coronavírus. E hoje a gente para conversar com o Tiago Medaglia, repórter especializado em ciência e fellow do Knight Science Journalism Program, do MIT. E, como parte desse fellow, o Thiago começou a mergulhar em uma área que tem um nome um pouco difícil, a agnotologia, a produção da ignorância. E agora ele vai dar continuidade a esses estudos em um mestrado no Departamento de História de Ciência, da Universidade de Harvard. Thiago, muito obrigada por aceitar o nosso convite, vai ser um prazer falar contigo.

**Thiago Medaglia** Eu que agradeço.

**Amanda Rossi** Para começar, você pode resumir um pouco o que significa essa palavra estranha, agnotologia, o estudo da ignorância. E também explicar um pouco o que isso tem a ver com o tema central desse módulo do nosso curso, que é a desinformação?

**Thiago Medaglia** Sim, eu vou tentar explicar. E eu acho sempre importante, quando a gente está escutando alguém falar sobre um determinado assunto, a gente escutar a partir da cadeira onde essa pessoa está sentada. Então, a cadeira onde estou sentado é a do jornalista de ciência, que tem buscado estudos para aprofundar o conhecimento da ciência. E tem sido muito importante para minha carreira. Mas acho importante frisar que é essencial também buscar esse tipo de conhecimento direto nas fontes, nos cientistas que estudam esse tema. Então, feita essa ressalva, eu posso explicar que a agnotologia é o estudo da ignorância. É um campo relativamente recente da história da ciência. O termo foi cunhado por um historiador, um pesquisador da Universidade de Stanford, chamado Robert Proctor. E eu aprofundi esses estudos a partir de aulas com a professora Naomi Oreskes, também historiadora da ciência na Universidade de Harvard, fui aluno ouvinte dela durante dois semestres e vou ter a honra de ser orientado por ela no mestrado. Então, durante muito tempo os historiadores da ciência, e os filósofos da ciência, ou qualquer profissional que tenha investido tempo e energia no estudo da ciência, em pensar a ciência - que eu acho que é algo fundamental para o jornalista que trabalha com esse tema - esse pessoal gastou muita energia entendendo a produção do conhecimento. Isso é fundamental, claro. Então, a gente tem toda uma epistemologia desenvolvida sobre esse assunto. Mas, mais recentemente, os historiadores e filósofos da ciência têm se dedicado também a entender a produção da ignorância. Então, acho que esse é um ponto fundamental para entender a agnotologia. A agnotologia, o estudo da ignorância analisa a produção da ignorância. Ela pode ser produzida deliberadamente ou intencionalmente. A ignorância é muito democrática, ninguém escapa. Nós todos participamos da ignorância, ou atuamos a ignorância em algum momento. Então, é importante ter essa consciência enquanto jornalista, também. É mais um nível de cuidado com a produção do conhecimento e a disseminação do conhecimento. E a relação da agnotologia, desse campo de estudo, com a desinformação, ou com o jornalismo, passa por elementos como, por exemplo, a cobertura de temas da ciência ou a cobertura dos impactos que certos produtos ou certos nichos da indústria têm na saúde e na vida das pessoas. Então, um exemplo consagrado de agnotologia no meio acadêmico é o da indústria do tabaco.

**Thiago Medaglia** Então, desde os anos 60, a indústria do tabaco sabia que o cigarro está relacionado com o câncer de pulmão. Ou dizendo de uma maneira mais precisa, que o hábito de fumar pode ocasionar o câncer de pulmão e as pessoas podem morrer por conta disso. Embora o cigarro também esteja associado a outros tipos de doença, como doenças do coração. Então, a indústria sabia mas negou esse conhecimento. E aí eu recomendo para vocês dois livros e dois autores, um que já citei, que é a professora Naomi Oreskes, que no livro Mercadores da Dúvida - tem edição brasileira do livro - ela e um outro historiador, chamado Erik Conway, eles analisam como que houve uma migração de personagens que atuaram nessa desinformação relacionada à indústria do tabaco pra negação das alterações climáticas. Então, é uma documentação muito rica, vale a pena dar uma olhada. E um outro professor de Harvard, chamado Allan Brandt, escreveu um livro, que não sei se tem de edição brasileira, chamado "The cigarette century". Aí sim é uma documentação bem profunda e intensa sobre esse episódio, vale muito a leitura. Então, a indústria sabia desse problema, mas eles negaram. E negaram de maneiras que são muito ousadas. E também que, segundo esses pesquisadores, demonstram uma certa malícia mesmo, no sentido da má intenção. Então, eles investiram pesado em pesquisas tangenciais.

Porque uma das armas, digamos assim, da negação da ciência, é usar a própria ciência. Então, os negacionistas usam, muitas vezes, verdades pontuais, ou verdades irrelevantes para negar verdades maiores, verdades que têm um tamanho maior ou que são mais relevantes. Então isso, por exemplo, você pode ver claramente nesse episódio do tabaco, quando a indústria dizia assim: olha, existem muitas causas associadas ao câncer de pulmão. Não é mentira. Mas não nega o fato de que o hábito de fumar pode causar o câncer de pulmão. Não elimina essa outra verdade. Nas alterações climáticas, a gente vê isso muito claramente, também. Então, tem algumas alguns argumentos como, por exemplo: o CO2 é gás da vida, é um gás fundamental à vida. Sim. Mas não altera em nada o fato de que as alterações climáticas antropogênicas, causadas pelo homem, impulsionadas pelo homem, são um fato científico. E há outros exemplos desse tipo. Quando a gente começa a analisar, a gente começa a ver isso em profundidade. Então, voltando ao caso do tabaco, a indústria financiou com investimentos de milhões de dólares pesquisas tangenciais, pesquisas que investigavam outras causas associadas ao câncer. E aí você tinha um impacto na opinião pública, por meio da imprensa, muitas vezes - olha a gente falando do jornalismo - de resultados de estudos científicos em instituições privadas, ou mesmo investimentos em instituições públicas também, por meio de doação. E você tinha um impacto na imprensa e, conseqüentemente, na opinião pública de um resultado de pesquisa. Agora, vou dar um exemplo hipotético, confesso que não lembro esse tipo de detalhe do livro, mas, por exemplo, o câncer de pulmão está associado a um determinado remédio, um determinado hábito, ou um determinado tipo de alimentação ou contaminação de algum produto. Enfim, são exemplos hipotéticos. Mas acho que dá para entender a lógica.

**Amanda Rossi** É impossível ouvir você explicando sobre tudo isso sem jogar esses elementos para o nosso debate atual. Essas verdades que não são a verdade substancial. Usar pontos tangenciais da ciência para negar a ciência que é feita com mais substância. Então, vou pegar esse gancho pra gente falar da desinformação sobre a COVID-19. Com essa experiência que você tem, mergulhando no estudo da agnotologia, da produção da ignorância, e essas estratégias para burlar a atenção das pessoas em relação ao que é realmente mais importante da ciência, pra negar a própria ciência... Como você tem observado a desinformação sobre a COVID-19? Também aqui há uma desinformação interessada, talvez uma produção deliberada da ignorância por parte de alguns atores?

**Thiago Medaglia** É uma ótima pergunta. É claro que é muito difícil afirmar, até porque eu precisaria provar, que existe uma produção intencional de ignorância nesse caso da COVID. Mas, a partir desses estudos, a partir dessa bibliografia, dessas investigações - que são profundas, são baseadas em documentação, e análises, e em estudos, e entrevistas - a partir dessa bibliografia, a gente pode ter um olhar sim crítico para isso, e imaginar que isso supostamente está acontecendo sim. Porque a pandemia vai de encontro a muitos interesses econômicos e políticos. Se a gente dissociar o que é opinião, nesse debate que está muito quente no Brasil, e o que é a viralização de determinados temas... A gente vê que existe por trás um investimento de dinheiro, para que as coisas viralizem, para que as coisas tomem uma proporção. E muitas vezes esse investimento é em cima da negação da ciência. Ou de fatos que não encontram respaldo na ciência. E aí, só para gente ficar com isso na cabeça, é muito curioso que a gente confia na tecnologia, mas a gente questiona a ciência. "A gente" estou falando do coletivo. Então, a gente confia no funcionamento da internet, mas questiona a ciência que participou ativamente do desenvolvimento daquilo. É importante que a gente compreenda isso, porque passa por essa questão que eu falei da dissociação entre tecnologia e ciência, e passa por pensar a ciência, compreender tudo o que está em jogo hoje, no mundo. Eu acho que essas reflexões podem nos tornar melhores jornalistas, entendendo o que está acontecendo.

**Amanda Rossi** Já que a gente está falando de "pensar a ciência". A gente tem alguns indicadores que mostram que a nossa crença na ciência, nossa confiança na ciência não vai tão bem assim. A maior parte dos alunos desse curso em português são do Brasil, como a gente. Então, vou citar um número do Brasil, numa pesquisa de chama "Welcome Global Monitor 2018", que diz que 29% dos brasileiros não confiam muito na ciência ou não confiam nada. Se a gente for olhar para os argentinos, aqui do lado, nossos vizinhos, que estão saindo muito melhor no enfrentamento da pandemia, são 16% de desconfiados. E a Nova Zelândia, que está indo melhor ainda, 4%. No Brasil, então, 29% não confiam ou não confiam nada na ciência. Como você interpreta esses números? Por que o brasileiro confia pouco na ciência? E o que isso faz de diferença em um momento como esse que a gente está vivendo?

**Thiago Medaglia** Faz muita diferença. Eu trouxe um pouco antes essa questão da dissociação entre tecnologia e ciência, do fato da gente confiar na tecnologia mas questionar a ciência, que eu acho que isso talvez seja parte do problema. Agora, se a gente parar para analisar porque na humanidade, não apenas no Brasil, há desconfiança com relação à ciência, a resposta para essa pergunta merece ser feita com muita calma, gastando muito tempo, ouvindo muita gente, porque não é uma resposta simples. Mas passa por várias questões que têm a ver também com a própria ciência. Com o fato da ciência ter se fechado bastante, durante muito tempo. E por questões como, por exemplo, relacionar a credibilidade da ciência à autoridade do cientista. Daí a gente começa a entrar num campo que é o cientificismo, que é uma crença irrestrita na ciência, que é um certo endeusamento da ciência ou do cientista. Isso também não é saudável. A ciência não é infalível, ela deve ser questionada, mas a partir de determinadas premissas. Não pode ser um questionamento tolo. Agora, por que uma parte dos brasileiros não acredita na ciência? Eu acho que também é uma resposta que merece bastante análise. Mas a gente tem problemas graves e grandes que remetem a décadas de falta de investimento em educação, em pesquisa. A gente começou a tomar um outro caminho no Brasil, com maior investimento em pesquisa. O Brasil é um protagonista científico, isso é importante dizer, o Brasil tem uma relevância científica. No entanto, os cortes feitos na ciência tendem a gerar um problema grave nesse sentido, nos próximos anos. O Brasil pode perder parte desse protagonismo.

**Thiago Medaglia** Eu apontei um dos problemas, que é os cientistas se fecharem. Um outro problema, eu acho, passa pela responsabilidade dos jornalistas e de quem comunica ciência. Eu acho que a gente tem que se responsabilizar pela falta de entendimento que as pessoas têm da ciência. Então, o jornalista que está cobrindo assuntos como a COVID, ou qualquer outro tema baseado em ciência, precisa aprofundar o seu conhecimento, para compreender a ciência a partir de como ela funciona. Então, a gente vê nas redes sociais muitos jornalistas extremamente qualificados, mas que vêm do campo da política, ou de outros campos, fazendo críticas e questionamentos à ciência que mostram, claramente, que falta um conhecimento das minúcias, e de como a ciência funciona. Por exemplo, quando a gente vê nos jornais a reprodução de um estudo que não foi publicado num "journal", num jornal científico, numa revista científica qualificada, reconhecida, relevante e isso é reproduzido na TV, nos jornais, é o jornalista atuando na produção da ignorância. Olha que interessante. E não apenas essa publicação de conteúdo, como também a gente tem visto na COVID a reprodução irrestrita de "preprints", que são os estudos sem a revisão dos pares, que é um dos pilares da confiabilidade na ciência. E não é errado reproduzir o que está em preprint. Não é que o preprint é o problema. Mas a falta de substância, de conhecimento na análise do que é boa ciência, do que é má ciência. Nem todo cientista é especialista naquele assunto. Pra você chamar alguém de especialista, você precisa entender se ele trabalha com aquele tema. Não tem a ver com a formação, ele pode ter formação em matemática ou antropologia, mas se ele estuda alterações climáticas, se tem estudos relevantes publicados em revistas renomadas, ele é sim uma fonte. Do contrário, não. Então, esse formato do jornalismo de sempre ouviu o outro lado, que é um formato consagrado ao longo de décadas, ele tem um problema na cobertura de ciência que é, às vezes, reproduzir debates que não existem mais na ciência. Então, as alterações climáticas são um exemplo crasso disso. Não existe debate acadêmico científico sobre a influência humana nas alterações climáticas que estão acontecendo neste momento no planeta. Não existe debate. É um fato científico. Mas a gente vê, nos jornais, nas revistas, na TV, às vezes, os jornalistas dando voz para o outro lado. E aí a gente está criando um antagonismo, dando a impressão pra opinião pública de que existe um debate. É uma falsa equivalência. Esse debate não existe no meio acadêmico, mas a gente reproduz e passa para as pessoas essa mensagem.

**Amanda Rossi** Vou fazer uma pausa só pra ligar com um assunto que você disse antes. Aí a gente tem uma outra conexão com o livro da sua futura orientadora. Esses falsos debates em assuntos sobre os quais já existe um consenso científico, mas tentando parecer que é um lado versus o outro lado, foi algo que foi usado pela indústria do tabaco, que foi usado na questão do aquecimento global, e que a gente vê, agora, também se repetindo em alguns casos. Quem é a favor versus quem é contra, pra citar dois assuntos que são extremamente repetidos, isolamento social, hidroxicloroquina. Às vezes, não necessariamente é um versus o outro. Às vezes, não são questões de opinião. Às vezes, é uma questão de pra que lado que o saber científico está apontando.

**Thiago Medaglia** Como jornalistas, eu acho que a ética da nossa profissão é de relatar a verdade. Não é a de ouvir os dois lados. Então, como é que a gente vai apontar dois lados opostos, quando um lado está mentindo? Então, eu acho que o jornalismo, nos últimos anos, tem passado por esse aprendizado. E os jornalistas ambientais e de ciência têm muito a contribuir com os colegas de outras editorias. Eu recomendo fortemente que os colegas de outras editorias conversem com seus amigos e colegas jornalistas de meio ambiente e ciência. Porque a gente errou muito, a gente apanhou muito na cobertura das alterações climáticas, seguindo esse modelo de ouvir os dois lados. Então, não é encerrar o debate ou ser contra o debate. De forma alguma. Mas é qualificar o debate. E aí, de fato, na COVID-19 a gente tem visto, bastante, nas TVs e nas redes sociais... Embora sejam circunstâncias diferentes, claro, na rede social você é dono do seu feed, você posta o que quiser, embora eu espero que as pessoas comecem a arcar com as consequências dos crimes que estão cometendo virtualmente. Mas, feito esse parêntese, voltando pra questão, na TV, nos jornais, a gente tem visto o espaço que negacionistas da ciência tem recebido. Porque o jornalismo, na ânsia de ouvir o outro lado, na ânsia da isenção como uma missão do jornalismo, como um elemento fundamental do jornalismo, tem dado espaço para essas vozes. E aí, é muito complicado, porque o dissenso é fundamental à ciência. Ele é uma realidade da vida. É só você olhar para suas relações pessoais. Se você observar, 90% das vezes você e as pessoas que estão ao seu redor discordam. O consenso é raro. E não tem problema ser assim. Isso é uma realidade da ciência, é fundamental para a ciência que exista o dissenso, mas o dissenso qualificado. Porque, no caso da hidroxicloroquina, por exemplo... O caso da COVID, em geral, é muito complicado, porque é uma doença nova. Então, a ciência está sendo produzida. É uma ciência em tempos de emergência, ela está sendo produzida num nível que a gente nunca viu. A busca por uma vacina é um exemplo disso.

**Thiago Medaglia** E a busca por um remédio que resolva todos os problemas, inclusive o problema das pessoas não estarem trabalhando, não estarem produzindo e não estarem consumindo, que é um problema grande para todos nós, mas encarado de uma outra forma por algumas pessoas... A busca por um remédio que possa resolver o problema rapidamente, mas que não encontra embasamento na ciência. Não por enquanto. E aí surgem as evidências de que o remédio, além de não resolver, causa problemas. Então, a gente tem que ser muito cuidadoso na abordagem desse tipo de tema. Porque, por exemplo, você também vê muita entrevista com médico sobre esse assunto. Me desculpa, mas um médico ortopedista, que não tem atuação médica em doenças respiratórias ou em virologia, e não tem trabalhos científicos nessas áreas, ele não é fonte para falar de hidroxicloroquina ou de COVID-19. Ele não é fonte. Então, eu acho que esse é o tipo de critério que a gente precisa ter. Com o cuidado de não calar o dissenso. Mas se a gente for dar voz para uma opinião contrária ao distanciamento social, que seja a de um especialista, que seja a de alguém que estuda o tema. E aí esse debate é valioso. Agora, claro que tem também - e aí é mais uma razão pra gente estar atento - o uso político de tudo isso. Aí, a gente volta para a questão da desinformação, da viralização de assuntos que passam pela negação da ciência. Então, eu diria assim, quando a gente vê assuntos relacionados à COVID, que passam por negação da ciência, tomando uma proporção muito grande nas redes sociais, de uma maneira que não é orgânica, é pra gente desconfiar, é pra gente ficar de olho que há interesses por trás. Supostamente, há interesses por trás.

**Amanda Rossi** Thiago, infelizmente nosso tempo já está acabando. Mas foi uma super aula. Você já passou por várias dicas que são preciosas para o trabalho de jornalista que está cobrindo a pandemia, tendo ele experiência na cobertura de saúde, na cobertura de ciência, anterior, ou começando nessa cobertura agora. Você deu uma aula para todos nós. Então, queria te agradecer em nome de todo mundo que está participando deste curso, por dividir seus conhecimentos com a gente.

**Thiago Medaglia** Imagina. Eu que agradeço a oportunidade. Espero mesmo que seja útil. E estou à disposição para conversar com as pessoas individualmente, se elas quiserem entrar em contato. Inclusive com recomendações de leituras, posso passar para vocês.

**Amanda Rossi** Então, sigam o Thiago no Twitter. Um abraço, obrigadão.

**Thiago Medaglia** Obrigado, um abraço.